

^{DÍVIDA EXTERNA} Negociadores brasileiros abrem ESTADO DE SÃO PAULO discussão com o Clube de Paris

REALI JUNIOR
Nosso correspondente

Paris — Importantes conversações sobre economia estão se desenvolvendo nas últimas horas na Europa. Enquanto o secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, reunia-se em Paris com o ministro de Economia e Finanças, Edouard Balladur, encontro classificado como secreto pelos assessores do ministro francês, os dois negociadores brasileiros, Alvaro Alencar, assessor internacional do Ministério da Fazenda, e Antônio de Pádua Seixas, diretor do Banco Central, iniciavam, na mesma capital, contatos preliminares com o Clube de Paris, com vistas às reuniões de amanhã e quinta-feira, quando deverá ser analisada a possibilidade de um acordo de reescalonamento de parte da dívida brasileira.

Segundo uma alta fonte da direção do Clube, quando uma reunião é oficialmente convocada, normalmente isso quer dizer que os parceiros que integram o organismo praticamente já chegaram a um acordo com o país devedor. Isso explica o otimismo manifestado durante o fim de semana pelo ministro da Fazenda do Brasil, Dílson Funaro, antecipando a conclusão de um acordo com essa instituição. A partir daí, estarão desbloqueadas as negociações com os bancos comerciais, cujo início está previsto para os primeiros dias de janeiro.

Um acordo com o Clube de Paris permitirá também que certos créditos para setores específicos — no caso o energético, já negociado — sejam liberados rapidamente. Como se sabe, tanto o Japão como a França condicionam a concessão de créditos para este setor a um acordo com o Clube de Paris. Por enquanto, os dois negociadores brasileiros que participaram ontem (na condição de credores) da discussão do caso da Nigéria se negaram a falar sobre a proposta do Brasil. Isso só acontecerá na quinta-feira, quando a proposta de reescalonamento for apresentada durante a reunião plenária. Algumas áreas, acreditam que essa negociação poderá estender-se até o mês de fevereiro, quando deverá estar em Paris o próprio ministro da Fazenda, Dílson

Funaro, para expor a situação econômica brasileira aos credores do Clube de Paris.

SIGILO 16 DEZ 1986

Ontem, tanto os negociadores brasileiros como os integrantes do Clube de Paris mantinham o mais absoluto sigilo sobre as condições da negociação. Se o êxito político foi garantido pela disposição do Clube de Paris de concluir um acordo com o Brasil, certos pormenores técnicos continuam sendo discutidos pelos dois lados. Após esse acordo, dificilmente os bancos comerciais vão poder continuar insistindo na necessidade de o Brasil assinar um acordo com o FMI antes de uma negociação plurianual de sua dívida.

Em todo caso, representantes de bancos europeus envolvidos com a dívida brasileira lembram que o governo adotou, por conta própria, algumas das medidas que o FMI preconizaria. Para essas áreas, as medidas são ainda insuficientes, nas outras poderão ser anunciadas brevemente. Após o malogro da greve geral de sexta-feira, os meios financeiros in-

ternacionais acreditam que o Brasil ainda possui uma reserva de capital social, indispensável para a adoção de medidas suplementares de ajuste de sua economia.

BAKER

Nos encontros que o secretário do Tesouro, James Baker, vem mantendo com seus colegas europeus, o problema da dívida do Terceiro Mundo tem sido uma preocupação constante. Isso não apenas pelo fato de a renegociação com o Brasil estar na ordem do dia, mas também em razão das reticências manifestadas pelo Egito, através de seu presidente, Hosny Mubarak, ainda na semana passada em Paris, em relação às exigências do Fundo Monetário Internacional e do temor de que uma recessão possa provocar revoltas populares.

Na Alemanha Federal, onde passou o fim de semana em companhia de seu colega alemão Gerhard Stoltenberg, James Baker desmentiu a discussão sobre um pacto germano-norte-americano sobre o problema das taxas de câmbio e das taxas de juros praticadas na Alemanha.